

Lucilene Reginaldo, Roquinaldo Ferreira *África, margens e oceanos: perspectivas de história social*

Mônica Muniz De Sousa Simas
Università Ca' Foscari di Venezia, Italia

Resenha de Reginaldo, L.; Ferreira, R. (eds) (2021). *África, margens e oceanos: perspectivas de história social*. Campinas: Editora da Unicamp, 793 pp.

Seria muito difícil resumir em poucas palavras a profundidade de conexões traçadas no livro *África, margens e oceanos: perspectivas de história social*, uma obra coletiva que põe especialistas africanistas do Brasil no centro dos debates sobre os contatos humanos que se estabeleceram nas costas africanas tocadas pelo Atlântico, pelo Índico e pelas margens de rotas cruzadas um pouco por todo o mundo. O conjunto dos trabalhos surpreende positivamente justo pelos diálogos estabelecidos entre os estudos locais do Brasil e internacionais além de reforçar os laços das matérias analisadas com o sistema de ensino brasileiro. Como nos lembra o prefaciador da obra, Robert W. Slenes, a história do continente africano «tem recebido um crescente destaque nos currículos universitários brasileiros» (15). O mesmo professor aponta ao fato de que, nos últimos anos, por outro lado, «fortaleceu-se a historiografia sobre o escravismo» (15), fazendo do Brasil um lugar «capacitado para oferecer ao mundo uma visão especialmente ampla da história social da África» (p. 15), já que o país terá recebido mais ou menos metade dos africanos enviados à América. Então, uma das ideias centrais do livro, organizado por Lucilene Reginaldo e Roquinaldo Ferreira, é a de propor o Brasil co-



Edizioni
Ca' Foscari

Submitted 2022-10-14
Published 2022-12-19

Open access

© 2022 Muniz De Sousa Simas | © 4.0



Citation Muniz De Sousa Simas, M. (2022). Review of *África, margens e oceanos: perspectivas de história social*, by Reginaldo, L.; Ferreira, R. *Il Tolomeo*, 24, 333-336.

DOI 10.30687/Tol/2499-5975/2022/01/035

333

mo um lugar central aos debates sobre as culturas afro-oceânicas, envolvendo as relações etnorraciais e a militância antirracista que veio se empenhando na mudança das diretrizes curriculares brasileiras nas últimas décadas.

A introdução feita pelos organizadores da obra começa mesmo pelos sinais de mudança educacional com uma detalhada descrição dos êxitos das políticas antirraciais mais recentes até ao reconhecimento de importantes centros de pesquisa criados desde os anos de 1950. De certa forma, ao participar da coleção *Várias Histórias*, que tem por fim divulgar pesquisas recentes sobre a diversidade da formação cultural brasileira ligadas aos projetos desenvolvidos no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (Universidade de Campinas), o livro é em si um produto entendido na sequência de todas essas últimas ações afirmativas. Desde o início, a coleção *Várias Histórias* já havia mostrado uma preocupação acentuada em divulgar resultados de pesquisas sobre as experiências do tráfico de africanos e de seus caminhos na luta pela liberdade. Volumes como o de Joseli Maria Nunes Mendonça (1999), que trata da lei dos sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil ou de Jaime Rodrigues (2000) que reflete sobre os processos finais do tráfico de africanos para o Brasil, entre 1800 e 1850, foram abrindo caminho para as reflexões que se seguem.

O livro é dividido em quatro partes e conta, cada uma, com quatro ensaios de especialistas, brasileiros e internacionais envolvidos em programas de excelência de pesquisa, financiados por várias instituições de prestígio. A primeira parte, «Histórias conectadas, trocas e contatos» busca refletir sobre as mobilizações internas e externas do continente africano, reunindo e comparando a literatura científica que versa sobre os oceanos Atlântico e Índico. A segunda parte, «Trânsitos e Deslocamentos» reflete sobre projetos identitários, confrontando as forças do progresso com construções identitárias coletivas. A terceira parte, «Protagonismo africano» sublinha os papéis das populações deslocadas para a América em diversas hierarquias em contextos coloniais enquanto a quarta e última, «A história da África no Brasil» se volta para o desenvolvimento da educação no Brasil.

Sem perder de vista os circuitos globais de comércio e de fluxos migratórios, a maioria dos estudos inseridos no livro busca uma abordagem similar à da microhistória ao se observar uma dada situação a partir de uma perspectiva de dentro das margens ou de um determinado grupo visto como subalterno perante legislações e modos culturais impostos por forças dominantes. Através de registros documentais, de descrições de cultos comunitários, de processos legais e de representações literárias, as análises comparadas entre os oceanos Atlântico e Índico, o livro mobiliza uma série de vozes que vem ao encontro, de uma forma muito competente, da famosa interrogação de Gayatri Spivak (Morris 2010) - «Can the subaltern speak?»

A questão que se coloca, portanto, de modo pertinente é se de fato, durante a era moderna dos impérios, pode-se atribuir ao papel dos escravizados forçados às migrações, uma fixidez, seja no campo econômico seja no cultural, já que esses povos ativavam conhecimentos advindos de redes construídas ao longo de várias eras e que já faziam conexões entre diferentes espaços. A interferência dos sistemas coloniais com toda uma gama complexa de alterações fica muito mais evidente, material e simbolicamente exposta e pode gerar várias contestações de teorias já muito divulgadas. É o caso de se revisar criticamente o binarismo de Gilroy ou problematizar a tese de Hofmeyr «sobre a suposta rigidez racial e cultural da costa atlântica africana em contraposição à fluidez do Índico» (34).

Assim, uma análise comparada dos oceanos Índico e Atlântico – especialmente nas margens e rotas meridionais – permite uma problematização da tese de Hofmeyr sobre a suposta rigidez racial e cultural da costa atlântica africana em contraposição à fluidez do Índico. Pesquisas e análises críticas ao trabalho de Gilroy – cujo binarismo racial e cuja desatenção ao protagonismo africano somam-se a uma perspectiva limitada ao norte – revelam uma gama de sujeitos atlânticos, muito diversos entre si em termos culturais e “raciais”. (34)

Considerando as preocupações desafiadoras dos estudos do eixo sul – Atlântico e Índico – e diria que seria bastante recomendável um esforço localizado sobre o Pacífico, que ficou de fora, ao menos nas contiguidades da expansão dos colonialismos português e inglês, os estudos tendem a desconstruir antigas caracterizações dos espaços oceânicos ao mesmo tempo que identificam, ao nível dos microcosmos, coexistências e conexões que não haviam sido analisadas.

Para fazer um destaque no campo do confronto de ideias é pertinente que se observe como as argumentações de Edward Alpers, Jorge Lúzio, Eugénia Rodrigues e Cristina Wissenbach, na primeira parte, desarticulam dicotomias arraigadas sobre as diferenças entre o Atlântico e o Índico. Os pesquisadores apontam aos dois oceanos como espaços de coexistência de populações bem variadas, alterando-se a antiga caracterização entre rigidez cultural e fluidez. Jorge Lúzio, por exemplo, no seu estudo sobre «Os circuitos de marfim na Índia e suas conexões transcontinentais nas redes afro-asiáticas» (68-88), ao mapear os polos de produção dos manufaturados de marfim, identifica vínculos que foram muito intensificados pelo império colonial português. Entre as tensões que se travavam entre portugueses, hindus e muçulmanos no Decão, o historiador nota que «os hindus encontraram nos portugueses uma poderosa força de resistência aos reinos islâmicos» (68). Já Thiago Mota, na segunda seção do livro, ao estudar a expansão do Islão na África Atlântica, vai questionar a tese da imposição pela força e da preponderância dos califados, entre os séculos XVIII e XIX. A partir de um relato de viagem descrito por Paulo Daniel Elias Farah (2007) em que um muçul-

mano turco chamado Abdurahman al-Baghdáci, ao desembarcar no Rio de Janeiro, é abordado por um homem negro que o cumprimenta com uma saudação comum entre os pregadores do Islã, o pesquisador busca as trilhas de continuidade da fé muçulmana vivida na América; a sua incompreensão nos quadros da administração social brasileira e a sua importância na composição sociocultural do Brasil.

Se diferenças religiosas foram ocultadas ou desconsideradas, além da repressão já bastante assinalada por uma vastíssima bibliografia, também só mais recentemente as questões de gênero têm vindo a produzir fricções e contrastes com as historiografias mais consolidadas. Por isso, o estudo de Mariana Candido, na terceira parte, em que «analisa o papel das mulheres na transição do tráfico [...] no século XIX» (368-88) é fundamental para se compreender a jurisdição angolana; como algumas mulheres angolanas da elite política ou econômica garantiram direitos privados, alcançando novas posições, acumulando dependentes e bens. Enquanto a maioria da população, durante o século XIX, era cativa e sujeita às maiores degradações, essas mercadoras usufruíam dos processos de concentração de riqueza. Portanto, se finalmente conseguisse dizer em poucas linhas as forças preponderantes que essa obra põe em circulação seriam a capacidade de diálogo e a rasura de binarismos, seja frente a conceitos espaciais seja à velha fórmula ‘colonizador’ versus ‘colonizado’.

Em um momento que rótulos como ‘decolonial’ e ‘pós-colonial’ parecem circular de forma tão simplista e já fixando novas polarizações, nos estudos brasileiros, essa obra coletiva, que surgiu de um seminário realizado em 2019, traz a esperança de um compromisso de luta que ultrapassa em muito processos hegemônicos cristalizados pelas mais diversas ideologias políticas.

Bibliografia

- Abdurrahman, Al-B. (2007). «Deleite do estrangeiro em tudo o que é espantoso e maravilhoso». Farah, P.D.E., *Deleite do estrangeiro em tudo o que é espantoso e maravilhoso. O estudo de um relato de viagem bagdali*. Rio de Janeiro; Argélia: Fundação Biblioteca Nacional/Bibliothèque Nationale d’Algérie, 69.
- Mendonça, J.M.N. (1999). *Entre a mão e os anéis. A Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp.
- Morris, R.C. (ed.) (2010). *Can the Subaltern Speak? Reflections on the History of an Idea*. New York: Columbia University Press.
- Rodrigues, J. (2000). *O infame comercio. Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850)*. Campinas: Editora da Unicamp.